

MALDADE EXISTE E OUTROS CONTOS

Lílian Fontes
Escritora

Maldade existe, todo mundo sabe disso. O instinto de ataque e defesa não concerne só aos bichos, aos insetos e animais. O ser humano é cruel, os deuses são cruéis. Por isso, não me venham dizer que ele não teve a intenção, que eu interpretei as coisas erradamente. Não foi, eu sei que não foi assim.

No primeiro dia, Oscar, o presidente, veio e me disse: “Você terá carta branca. Precisamos inovar nossa linha de ação, nossa linguagem. Conheço o seu trabalho, a sua forma incisiva de atuar. Acho que fará um bom trabalho aqui na agência”.

Eles tinham dois grandes clientes que vinham reclamando que as vendas tinham sofrido uma queda. É certo que o mercado estava mudando, a economia do mundo inteiro vivia transformações ainda não vistas na história. A rapidez com que tudo se tornava obsoleto, desde o mais sofisticado aparelho de som à mais vulgar caixa de fósforos, deixava os fabricantes aflitos. A publicidade era um meio de marcar presença no mercado e vencer a concorrência.

Oscar apertou a tecla do telefone e pediu que ele viesse. Bastou ele entrar, passos impacientes no chão, vindo direto na

minha direção, estendendo a mão num cumprimento forte, de um tranco só, para eu sentir.

“Bem, de hoje em diante vocês trabalharão juntos, Samuel lhe mostrará a sua sala, o seu computador”, disse Oscar.

Sáímos dali, a sala era ao lado: uma mesa junto à janela, outra na outra parede; dois computadores bem equipados; um arquivo metálico preto; persiana preta na única janela; uma gravura de Amilcar de Castro.

“Aqui é seu lugar, a cadeira é ajustável. O resto você sabe”.

Sim, ligar o computador, acionar a Internet. Isto ninguém precisaria me ensinar. Mas saber onde encontrar o material das últimas campanhas, entender o cerne do problema apresentado pelos clientes, isso eu não poderia saber. Mas as duas rugas fincadas entre os olhos, os óculos pretos, pesados, a boca trincada me disseram o que eu não poderia esperar de Samuel.

Tive que me inteirar das coisas sozinho. Comecei fuxicando o arquivo preto: pastas dos clientes, relação dos produtos. O meu computador não tinha os arquivos. Precisava digitar uma senha. Eu tinha de me dirigir a ele, tinha só ele ali, mais ninguém. Mas ele não me dava conversa, suas respostas eram monossilábicas e eu, calejado – não era a primeira vez que eu tinha experiência rude no trabalho – continuava lhe perguntando o que eu precisava perguntar. Samuel usava de todos os artifícios para não ter de me dirigir o seu olhar.

Ele se sentava ali, há poucos metros de distância, calado, muito calado. Apertava a tecla do telefone e dizia: “Vilma, traz um café e uma água”. Se dependesse dele, eu não teria tido nunca um café e uma água, como se não considerasse a minha presença. Vilma, sempre amável, eu sempre carinhoso com ela, entendia que naquela sala eram dois cafés e duas águas.

A minha primeira experiência foi com a propaganda da cerveja. As últimas tentativas, utilizando a fórmula da loura boazuda, haviam levantado uma polêmica nos jornais, recebendo críticas do mais renomado eleitorado feminino entre atrizes e intelectuais. O foco tinha de mudar. Bolei uma propaganda onde uma mulher normal, bonita nos seus quarenta anos, prepara um

peixe na cozinha; o filho de seis anos brinca de carrinho na mesa da copa e ela ouve um CD de jazz, tomando uma cerveja. Eis que chega o marido e ela diz a seguinte frase: "Taí tudo o que eu gosto: jazz, cerveja e um homem dentro de casa".

A campanha fez um tremendo sucesso. Conseguimos atingir a camada feminina da sociedade que estava adormecida. "Jazz, cerveja, e um homem dentro de casa" virou o slogan do mulhcrio, material utilizado por humoristas em programas de TV. Nos supermercados, as mulheres só queriam saber daquela cerveja.

Oscar veio me falar.

"Na minha profissão, vivemos a roda-viva dos erros e acertos. Já errei muitas vezes, mas desta vez não. Eu sabia que a tua vinda para cá me faria recuperar a confiança desses clientes"

Samuel não estava presente nessa reunião, mas certamente ele vinha escutando Oscar elogiar o meu trabalho. Ao invés de me ter como seu aliado, Samuel contraiu a minha presença como uma ameaça. Ele tentava me ignorar. Chegávamos às vezes juntos, subíamos no mesmo elevador, ele com um jornal na mão, não tirava os olhos da leitura, justificando assim o fato de não me enxergar. Eu não me abalava com isso.

O tempo é um aliado imprescindível. Dia após dia eu ia entendendo o que motivava Samuel a agir dessa maneira. O cinzeiro sobre a mesa sempre cheio, o telefone usado com parcimônia, só o via falar com o pessoal da produção, Vilma na copa e Oscar. Quase não fazia ligação para fora. Não o via receber telefonemas. Ouvia-o apertar a tecla do telefone, às vezes em viva voz: "Você ainda não terminou o texto?" "Estou no final", dizia a voz. "Mas que moleza! Assim não dá! Me mande o que está pronto por e-mail". Havia anos ele trabalhava ali, concentrando todos os projetos, partindo dele as diretrizes. Aceitar um parceiro, ouvir do seu chefe que a agência precisava de um novo gás, alguém mais atualizado com as alterações ocorridas na virada deste século, era uma punhalada.

Eu continuava ali cumprindo com a minha função. Acionava a Internet, os canais a cabo da TV, acumulando dados para minha pesquisa.

Oscar me incumbiu de uma nova propaganda. Eu tive a intenção de compartilhar com Samuel a minha idéia. Mas ficou só na intenção, ele não abria espaço. Insistir: eu seria um idiota.

Eu precisava pensar num filme para uma marca de automóvel. Os importados vinham tomando conta do mercado. O roteiro começava com um ator americano dirigindo seu carro e passava para a cena de um belíssimo ator brasileiro chegando num carro brasileiro para pegar sua namorada. O slogan dizia: "Homem nenhum precisa mais de um carro importado para apresentar à namorada, elas agora preferem o produto nacional".

A propaganda levantou polêmica: gostar de carro é ser machista? Toda mulher quer um homem motorizado? E foi por aí, posições das mais diversas linhas. O que importa é que a marca daquele carro entrou no imaginário popular.

Samuel não dizia nada, nenhum comentário.

Eu me sentia bem ali. Tinha vivido o suficiente, percorrido já diferentes ambientes de trabalho para aprender a me nutrir do que me era positivo e me abster do que nitidamente tinha a intenção de me fazer mal. O mal existe, todos sabem e se manifesta das mais diversas formas. Mas eu tinha Vilma, que me trazia o café, sempre feliz em atender ao meu pedido, e Oscar, que quando me chamava já pronunciava meu nome cada vez com mais intimidade.

Um dia abro a revista de publicidade e leio a seguinte nota: "Agência aposta em novas cabeças para dirigir campanhas, pagando salários exorbitantes" e a nota continuava informando o nome da nossa agência.

Oscar me chamou para cobrar como tinha vazado esta informação.

"Eu não costumo revelar a ninguém quanto eu ganho", eu disse.

O meu salário era o único na agência que estava desvinculado dos amparos trabalhistas. Eu era uma firma, e recebia como tal, ficando os encargos por minha conta. Por isso, o meu acerto era diferente dos demais, mas nestas horas estas coisas

não contam, o que importa é o valor, o que importa é o dinheiro. Entre nós, homens – tenho de admitir – o assunto “cifras” mexe com as vísceras.

Samuel continuava sentado ali, na mesa ao lado, na mesma maneira de sempre: calado, rugas fincadas no meio dos olhos. Mas atrás daqueles óculos eu percebia que alguma coisa estava se processando.

O slogan da propaganda dos cosméticos ficou por conta de Samuel e ele recebeu elogios de Oscar quanto à dose de humor que não era a sua característica. Há pessoas que crescem acreditando que a competição é a melhor forma de incentivo para o nosso crescimento e passam a vida lutando contra um, contra outro, derrubando o outro para conseguir se impor, esquecendo-se de que a luta por uma posição sempre implica ter um ganhador e um perdedor. Samuel, preso nessa gaiola, queria provar o que não se precisa provar. Somos o que somos e esta aceitação elimina uma das maiores angústias do ser humano.

O *site* da tal revista de publicidade era atualizado toda a semana. Desta vez, o mesmo jornalista fazia a seguinte ironia: “Um novo nome passou a assumir a agência de Oscar Persolini”: e vinha o meu nome completo estampado na página.

Oscar se fechou comigo na sala: “Por acaso, você está querendo se promover às minhas custas?”

“Isto não faz parte da minha conduta”, eu disse. “Eu não preciso de jogos como este. O repórter desta coluna está sendo alimentado por informações que só alguém aqui de dentro poderia fornecer”.

Oscar me perguntou o que eu estava querendo dizer com isto. E deste momento em diante eu senti em que situação estava. Algumas pessoas passaram a me tratar diferente, até Vilma, quando me trazia o café, não respondia mais aos meus agrados com naturalidade.

Maldade existe, disto eu sei. Toma a cabeça, perverte.

Samuel ali todo dia, sentado bem junto a mim, observando-me cuidadosamente. Ele tinha de ser sutil. E foi. Eu pensava,

mas sabia que não deveria pensar. Precisava eliminar esses pensamentos e continuar no meu lugar: chegando todo dia na mesma hora, subindo aquele elevador, atendendo da mesma forma as solicitações de Oscar.

Mas a maldade quando vem é para derrubar.

De novo, na mesma coluna da revista, o mesmo repórter, numa nota, advertia: "Começam a aparecer nas agências de publicidade espíões: surgem como novas cabeças, capazes de reverter qualquer crise, mas o intuito é conhecer os truques, os clientes, saindo dali a alguns meses, carregando tudo dentro do laptop. Oscar Persolino que se cuide".

Para Oscar, não interessava saber de onde vinham essas informações, se tinham ou não fundamento. O que não queria era ver o seu nome, a sua agência como alvo. O repórter, sarcástico, estava fazendo um jogo, é claro, e mexer com ele, intimidá-lo, só iria alimentar justamente o que Oscar queria abafar.

Eu olhava para Samuel. Via-o atrás daqueles óculos. A estratégia foi perspicaz

Ainda tive alguns dias. Entrava na minha sala, Samuel atrás dos óculos. Eu acionava o *site* dos clientes. Tudo andando. Vilma me trazendo o café.

Mas Oscar me chamou na sua sala. O que me disse foi justamente o que eu já sabia que iria escutar. Se protegeu de teorias, "não é nada pessoal". Falar, me defender, seria uma tentativa inútil. Quando as coisas chegam aonde esta chegou, não adianta insistir. Em certas batalhas, o melhor é retirar-se.

Saí da sua sala, fui até a minha mesa pegar minhas coisas, olhando para aquele cenário que durante meses fez parte da minha história. Todo dia, subia sempre no mesmo elevador, sentava todo dia na mesma mesa. Sempre o café de Vilma. E mesmo sabendo que a maldade existe, e isto todo mundo conhece, mesmo assim. Saí dali e peguei o elevador. O elevador era o mesmo, mas esse mesmo elevador parecia me levar para baixo, bem baixo, muito baixo mesmo.

Uma mulher como esta a gente sabe. Saindo, vestido curto, salto de 10cm, dois cachorros de raça para passear na calçada. Saindo de casa assim, só para passear com os cachorros. Esta mulher a gente sabe.

O vestido era curto e de saia rodada. A rua tranqüila, de poucos passantes. Ela parou na primeira árvore: os cachorros cheiraram o tronco, o canteiro de plantas. Primeiro um levantou a perna. O outro colocou o focinho e cheirou. Levantou a sua perna carimbando o tronco da árvore.

Mais à frente, três operários de uma obra gozavam seu horário de almoço. Tinham comido feijão, arroz e uns pedaços de lingüiça trazidos na marmita. Um papelão jogado na calçada junto ao muro de uma casa. Deitados, tranqüilamente. Um deles acendeu um cigarro.

Eles olhavam, ela vinha. Olharam-se entre si. O sorriso maroto de quem conhece esse tipo de mulher. Os três deitados no chão, deram um jeito de ajeitar melhor a cabeça. A mulher olhou e viu. A mulher segurou firme a coleira, encurtou, puxou os cães para bem junto de seu corpo. De repente, um leve sopro do vento fez com que a saia rodada levantasse abruptamente. Era o descanso do almoço. Lamberam os beiços. E ela passou.

ALGUÉM QUE EXISTE

*"Esta coisa que é mais necessária à nossa vida que
o próprio pão: a ilusão"*

Lima Barreto

Eu não acho que ele me espreite da janela do apartamento em frente como fazia o fotógrafo L.B. Jeffrie daquele filme do Hitchcock. Não, ele nem mora por onde eu moro. Mas eu sei que em muitos momentos ele pára e pensa e lembra dos meus olhos que são claros e não mentem. Naquele jantar, me virei para falar do filme que eu havia visto, como se ele conseguisse ouvir eu falar sobre aquele filme, sem perceber que falar daquele filme era apenas um pretexto para estarmos um de frente para o outro. Apesar de ele estar com ela ao seu lado e eu estar com o meu ao meu lado.

Mas não foi aí nesse jantar que eu percebi o que havia, foi antes, bem antes. Eu já o tinha encontrado em algumas reuniões, mas naquele seminário sentamos um do lado do outro e quando ele me emprestou sua caneta, quando ele me passou a caneta e eu a segurei, senti que entre nós se estabeleceu um pacto. São coisas que não se sabe explicar.

E é por isso que eu penso nele, por isso ele me vem à cabeça toda vez que eu, dirigindo, entro num túnel e vejo as lanternas vermelhas dos carros acesas. Não sei porque eu penso nele quando vejo a traseira desses carros. Se eu contar isso para minha analista, ela dirá que o túnel representa o meu inconsciente. Mas Freud não queria saber dessas coisas. Jung, sim, tentou decifrar esses mistérios. E não tem como negar que certas coisas são assim. Como daquela vez à noite, eu vendo um filme na TV, o queixo do ator me faz pensar nele. E eu nem acho aquele ator parecido com ele, então porque aquela cara me fazia pensar nele? E logo de manhã, o telefone toca e é ele com sua voz, com o tom de sua voz que me entra de uma maneira diferente.

Eu sei o que é isto, e é por isso que quando eu entro num túnel e as lanternas do carro me fazem pensar nele, não me sur-

preendo se no próximo sinal ele estará parado dentro do seu carro. Eu o vejo e ele não me vê. Isso aconteceu mais de uma vez. Eu o vejo no seu carro, passando ao meu lado, sem me ver. É como se ele estivesse ali, ao meu alcance e de repente me escapasse.

Ele tenta me escapar. A todo tempo. Quando eu o encontro no meio do pátio da faculdade, ele vem e me fala e sai, desculpa, sempre com pressa. Ele tenta escapar, mas mesmo assim ele sabe, tenho certeza que ele sabe, tenho certeza que ele sente o mesmo que eu sinto, que ele percebe como naquele encontro casual no Bar Lagoa, eu sem intenção, passei a mão na cintura dele na hora de cumprimentá-lo com um beijo no rosto. E as minhas mãos o tocaram de uma maneira que não se toca impunemente. E eu sei que ele sente. Sente mas não quer sentir e se eu for falar ele vai dizer que eu estou carente, devo estar vivendo alguma crise no meu casamento. Eu não preciso de nenhuma crise no meu casamento. Nenhuma crise consegue explicar a intimidade que eu sinto com ele. Eu ouço falarem dele, ouço sobre a sua mulher, o vejo almoçando com os colegas de departamento no bandeirão, ele me cumprimenta de longe, apenas um sinal. E são esses sinais que me fazem sentir tão próxima a ele.

Sinto-me tão íntima dele que eu mesma me surpreendo e me questiono: o que me faz sentir tanto este homem, conhecê-lo ao ponto de saber coisas que nem sei porque conheço?

Mesmo de longe eu o sinto. E a isso eu não consigo renunciar. E vão me perguntar se eu já fui pra cama com ele e se eu disser que não, ninguém vai entender como é que eu tenho tanta certeza assim deste sentimento. Tem gente que não entende, tem gente que vai rir da minha cara se eu contar. Por isso eu não conto pra ninguém. Ninguém precisa saber. Eu sei e ele sabe, disso eu tenho certeza. Eu sei e ele sabe, mesmo querendo escapar. Mas basta ele olhar para os meus olhos. Esses olhos que não mentem.

Um dia eu vou ter. Vou ter um cartão daqueles que ela mete na máquina dentro daquela casinha vermelha – 24 horas está escrito na porta – e põe o cartão na máquina e sai o dinheiro que ela precisa para terminar as compras. Tudo anda tão caro, que a gente sai de casa, compra os legumes, as verduras, as frutas e na hora de pagar o estacionamento, cadê? Acabou. E aí ela vai na casinha porque ela tem o cartão que entra lá dentro e faz sair o dinheiro.

Um dia eu vou ter. A conta no banco para eu poder carregar talão de cheque na bolsa. Acho tão bacana ver aquelas mulheres no supermercado assinando cheque. Isto eu sei: assinar. Meu nome é comprido, eu vou ter de fazer uma letra bem miúda para caber naquela linha. Não sei como vai ser. Se um dia eu vou poder entrar naquele banco que vou de vez em quando, tirar um dinheiro pra ela, e sentar na mesa daquele cara de terno, um óculos grande quadrado e dizer pra ele todo o meu nome e pedir para ele me dar uma conta. Ela diz que não é fácil abrir uma conta no banco, parece que o salário que eu ganho não vale para abrir uma conta no banco. Ela tem, tem conta no nome dela.

Eu queria ter o cartão que ela tem, ter o cheque que ela tem pra não andar por aí com dinheiro escondido dentro da meia e da calcinha com medo de ser roubada no ônibus: todo fim de mês a gente vê aqueles malandros tirando o dinheiro da gente. No dia que eu tiver cheque, eu não vou levar dinheiro para casa, deixo tudo no banco e vou na vendinha do seu Chico e assino o cheque, e vou na padaria e assino o cheque, e se alguém vier me tirar o que eu tenho na carteira, vai levar um susto porque eu vou ter só aquele dinheiro contadinho da passagem de ônibus.

Mas legal mesmo é ter aquele cartão que você mete na caixa quando quiser e sai dinheiro, o quanto você quiser. Mas cartão mesmo eu acho que eu nunca vou ter, se o homem do

banco não oferecer, eu não vou saber pedir. Isto ela nunca me contou, nunca me contou como ela conseguiu aquele cartão. E ela tem mais de um, eu já vi na carteira dela. Tem um, dois, três, quatro, acho que quatro ou cinco cartões diferentes, um deles eu já vi na televisão naquele anúncio daquela moça bonita, um sorriso branco daqueles, dizendo que em todo o lugar do mundo você pode pagar com aquele cartão. Aí já é demais. Em todo lugar do mundo! Aí já é demais, este eu não quero não, este me dá medo de ter, um medo de ter ladrões de todos os lugares do mundo querendo o meu cartão. É, porque tem, ladrão tem em todo lugar, eu já escutei ela contar de amigas que foram roubadas em Miami, aquele lugar bacana que tudo quanto é gente rica já foi. Os meninos dela, pequenos, já foram ver a Disney. Ah! Que beleza. Eu não fui mas eu vi tudo, eles fizeram uns filmes naquela filmadora pequenininha que eles levam sempre que viajam. É bom pra gente ver os meninos ainda pequenos, depois eles crescendo e, nossa! Como eles estão crescendo, parece até que foi ontem o dia que eu fui no hospital levando Marina para conhecer o irmão: botei nela um vestido lindo florido, um laço rosa no cabelo para ela visitar a mãe e o irmão. O quarto que eles estavam tinha até televisão, ar condicionado fresquinho, um banheiro só para ela. Eu nunca tinha entrado num hospital como aquele. Aposto que ela nem teve que esperar na fila como eu esperei quando fui ter o meu Washington. Nossa! Eu sentia uma dor medonha, mas ninguém ligava para mim. Tinha mulher, tinha velho, tinha gente pra burro naquele corredor esperando por um médico. Só quando eu berrei, berrei mesmo, pra todo o hospital me ouvir, que aí sim, veio aquela enfermeira branca, boazinha, me levar correndo pra maca, na roupa que eu estava, chamando o médico, correndo porque o Washington já estava saindo entre as minhas pernas. Só Deus sabe o que eu senti quando eu vi o meu pretinho inteiro saindo de dentro de mim. Se ela tivesse ido me visitar, ela teria visto o quarto que eu fiquei: devia ter umas dez camas pra duas janelas, num calor do verão que só quem mora naquele lugar do Rio de Janeiro sabe o que é. E eu suava pra caramba, sentindo aqueles pontos, querendo beber água, muita água, mas a enfermeira demorava tanto para aparecer, e quando vinha era aquela berraria de tanta gente pedindo coisa, que eu não pedia nada. Nada. Eu não peço

nada porque a gente nunca pode nada. É tanta coisa que a gente não pode. Por exemplo, entrar naquele restaurante que passo toda vez que vou no mercado. Só vejo gente chique entrando naquele restaurante que ela diz que tem um filé ao *borsen*, *borsan*, sei lá. Vê se eu um dia vou poder sentar lá e pedir. Posso nada. Nem sei se no dia que eu tiver cartão e talão de cheque eu vou poder me sentar naquele lugar. Eu vou ter de botar um vestido muito chique para eles me deixarem entrar. Vou ter de botar um vestido parecido com aqueles que ela tem, que me dá para passar toda vez que tem um jantar, festas que fazem ela colocar aquele salto alto, os colares dourados, ou aquele de pérolas, bonitos, são muito bonitos. Eu acho lindo aqueles vestidos, mas eu nunca vesti aqueles vestidos. Nem mesmo nas horas que ela não está em casa e que eu sei que nem tão cedo ela volta pra casa, nem assim eu vesti aqueles vestidos. Também, eles nunca caberiam em mim. Eles só cabem nela, naquela magreza. Ela é magra, tão magra, acho que tem mania. Tem um que é mais largo, aquele eu acho que daria. Mas eu nunca experimentei. Ah! Mas eu tenho vontade de ter aquelas roupas dela que eu lavo, esfrego, porque ela diz que aquelas roupas eu não posso botar na máquina, se eu botar na máquina estraga tudo. Eu perco horas no tanque esfregando roupa, se bem que hoje tem cada produto! Têm uns que fazem a roupa ficar mais macia, outros que tiram qualquer mancha da roupa. E ela compra tudo, basta eu pedir que ela compra, mesmo sendo caro ela compra. Assim eu nem me incomodo de ficar no tanque lavando as roupas dela. Agora tem uma coisa: o que eu gosto, o que mais gosto de lavar são as camisolas. Ela tem cada camisola! Tudo naquele tecido lisinho que escorrega pelas mãos. Parece seda mas não é. É liso, gostoso. Ela tem uma rosa, outra branca, uma preta toda com rendas cobrindo o busto, uma beleza! Um dia eu quero uma camisola dessas. No último Natal, quando ela veio me perguntar o que eu queria ganhar, eu quase disse, quase, quase, que eu queria uma camisola igual a preta dela. Mas eu tive vergonha. Ela até insistiu para eu dizer o que eu mais queria. Por isso eu quase disse, mas fiquei pensando, tirei os olhos dela, rodei eles pelo chão, sem graça de dizer que a coisa que eu mais queria seria uma camisola como aquela. Hoje, pensando, eu acho mesmo que eu não devia ter pedido. Deixa pra lá.

Também pra que eu ia querer uma camisola tão bonita? Pra dormir com meu João? Até parece, ele nem ia notar, ia deitar na cama com aquele bafo de cachaça, virar pro lado, sem pensar em acariciar pra sentir o pano lisinho da minha camisola. Sei lá, mesmo assim seria bom eu ter essa camisola só para me olhar no espelho, só para sentir ela na minha pele. Quem dera eu encontrasse um outro homem com quem eu pudesse dormir, pelo menos uma vez, com essa camisola. Isto mesmo, um outro homem. E daí? Eu nunca tive coragem mas hoje, pensando, bem que seria bom eu ter um outro homem e não ficar dependendo do João que já não quer mais nada, só quer saber da bebida. Qual o homem que não ia gostar de ter uma mulher numa dessas camisolas? Ou então naquelas *lingeries* que ela tem iguais às de artistas dos filmes que eu vejo na televisão. Mas ela tem mesmo que ter essas *lingeries*, camisolas, porque o marido dela deve querer, querer toda hora. Não é por nada não, com todo o meu respeito, eu acho que ele tem cara de quem quer todo dia, senão um dia sim, um dia não. Não é toda vez, mas tem vezes que eu escuto lá do meu quarto, tem vezes que o sono não vem e eu escuto eles fazerem sons, sem nem se incomodarem se vão acordar as crianças. Também criança não acorda assim tão fácil. Mas isso não tem a menor importância, isso de escutar quando os outros estão na cama, porque senão como é que ia ser com todo o povo que mora lá no morro e dorme tudo pertinho? Nos bons tempos do meu João, quantas vezes eu me esqueci que Washington e Melissa estavam ali bem juntinho, atrás da cortina. Uma vez, ele me perguntou, uma vez o Washington quis saber porque eu gemi tanto naquela noite e eu não soube como dizer. Essas coisas não sei como falar, senti vergonha, sei lá, achei que um dia ele vai saber sem eu precisar dizer. Criança sempre descobre. Eu mesma vim a aprender sobre essas coisas quando já era moça. Foi a minha vizinha quem me contou que o namorado dela tinha beijado ela, beijado tanto, que ela quase se sufocou e no meio do beijo veio aquela mão passando nos peitos dela, passando na bunda e era bom, ela disse, era bom. E não é que ela deixou acontecer de tudo ali mesmo encostada no muro? Nem sei bem o que eu senti quando escutei ela me contar. Eu não sabia de nada, minha mãe nunca tinha me falado dessas coisas, mas ela não podia mesmo falar, acho que ela tinha raiva

dessas coisas, desde que meu pai saiu de casa e nunca mais apareceu, eu acho que ela não quis mais saber de homem. Por isso, eu nunca soube dessas coisas, eu nunca ouvi ninguém gemendo enquanto eu dormia. E há quanto tempo eu não sei o que é gemer. Há quanto tempo eu não sinto nada pelo João. Tudo por causa deste raio de bebida. Eu não sabia que a coisa pudesse chegar a esse ponto. Todo mundo bebe, lá no morro. Sábado é dia de homem ir para a birosca, cair no samba e beber. Eu sempre achei que é coisa de todo homem, por isso no início eu não me incomodava de ver João ir e depois voltar, caindo, indo direto pra cama, sem me olhar. Eu custei a perceber, eu não tinha nada que deixar o João me bater quando me via aborrecida de eu ver ele assim, de eu dizer certas verdades pra ele. Se eu não tivesse um marido que bebe, se eu tivesse o marido que ela tem, eu nem ia querer saber de trabalhar. Ia querer acordar tarde todo dia, ir para a praia, ver televisão, sair pra ver butique. Isso é que é bom. Mas tendo o marido que eu tenho, que não garante dinheiro no fim do mês, como que iam viver o meu Washington e a minha Melissa? O meu Washington. Por sorte eu tenho o meu Washington. Desde menino ele já dizia, "Quando crescer eu vou ser jogador de futebol". E ele vai, se Deus quiser ele vai ser jogador, ganhar uma grana como jogador, fechar contrato com um time lá da Itália, me levar para conhecer Roma onde mora o Papa! Ah! O meu Washington. Não sei porque ele parou de jogar futebol. Fica lá no morro, o João nem sabe o que ele fica fazendo. D. Zica fica me botando minhoca na cabeça dizendo que os meninos amigos dele andam fazendo muita besteira. Não ligo não, meu Washington não é de fazer besteira, ele não vai seguir os passos do pai, ele não vai perder tempo com bebida, essas coisas de droga. Não, ele não vai. Eu vou mandar ele voltar a procurar o time do Vasco, mesmo que ele diga que não gosta do Vasco porque ele é flamenguista. Eu vou dizer que ele tem de tentar de novo, é melhor, é bom ele ser jogador de futebol. Se Deus quiser eu vou conseguir, o meu Washington vai me dar esta chance. Porque de Melissa... da Melissa eu não posso esperar nada. Mulher não consegue nada. Tem de trabalhar cedo em casa de madame, fazer feira pra madame, lavar privada da madame, quando acontece de fazer filho garotinha. Aí a barra pesa. Botar filho no

mundo, neste mundo que a gente vive, é um inferno. Eu sei que Melissa é muito nova pra eu dizer que dela eu não espero nada. Se pelo menos ela fosse bonita, o corpo perfeito como a filha da Zezé, aí, sim, dava pra entrar em teatro, fazer televisão, segurar pelo rebolado. Mas Melissa não teve esta sorte, saiu como eu e filha de peixe, peixinho é, vai terminar como eu em casa de madame querendo usar as camisolas lindas da madame, as *lingeries* vermelhas, as saias, o sapato de couro bom, o perfume francês e sair por aí passando cartão, passando cheque, entrando em qualquer loja sem ninguém estranhar, querendo tudo isso, sem ter nada disso. Isso é que vai ser da minha Melissa. Eu não posso fazer nada. Nada! Dizer que ela vai ter sorte, que quem sabe ela faz um curso de computador e consegue um emprego bom. Emprego tá difícil e pra mulher é ainda mais difícil. Melissa vai é ser como eu. Agora uma coisa eu peço pro meu Deus, pra todos os santos, peço pra ela não se meter com um homem igual ao João, que dê nela como o João faz em mim, fazendo o ódio tomar conta das minhas mãos, me fazendo bater, morder, querer matar o João. Eu queria que o João morresse. Morresse! Só assim eu me livro dele, só assim eu não tenho mais esse homem dormindo na minha cama, pegando do meu dinheiro pra comprar cachaça. Quem sabe eu aí ia arrumar outro homem que me desse beijo todo dia ao acordar, como eu vejo ele fazer com ela na mesa do café. Café que eu faço pra eles. Seis horas da manhã eu já estou de pé pra fazer café pra eles, botando as xícaras na mesa, o mamão cortadinho, o biscoito dentro da lata. Eu faço tudo pra eles. Eu tenho de fazer, todo dia eu tenho de fazer todas essas coisas, correr pra lá, correr pra cá, ficar aqui passando as camisas dele. Tem que ser tudo bem passadinho, ele diz que nenhuma passadeira passa como eu passo. Então eu tenho de ficar aqui passando roupa e se eu não passasse roupa talvez eu não pensasse tanto, talvez não viesse tanta idéia na minha cabeça. Idéia vem, idéia vai. Idéia vai e a gente fica sem sair do lugar, sentindo aqui dentro que não adianta. Não adianta, a gente nunca vai sair deste lugar.